

A ARTE DO CUIDADO DE SI NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA

Ivonete Bueno dos SANTOS

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

Resumo: Este artigo é parte de uma pesquisa em que se buscou analisar recortes discursivos selecionados das escritas de si de uma aluna-professora de um curso de especialização em Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa. Buscaram-se, nos mecanismos linguísticos, os processos de produção de sua subjetividade. Examinam-se enunciados cujos sentidos apontam mais especificamente, os pontos de identificação e fragmentos da singularidade da professora, identificando como ela cuida de si e reflete sobre si na construção de suas subjetividades. No âmbito da Linguística Aplicada, a trama do tecido teórico-metodológico que sustenta a análise dos dados articula teorizações foucaultianas: o cuidado de si, buscando sua conexão com um cuidado do outro e com a escrita de si. Na noção teórica desse item, estão implicadas as noções de outros, a saber: tecnologia do eu, e sujeito e verdade (FOUCAULT, 1984, 1995, 2004c, 2006). Ao descrever sua história de formação, a professora reflete sobre si, sobre sua formação em um gesto de experiência de si, apontando discursos “verdadeiros” sobre o que faz consigo mesmo no processo de desenvolvimento profissional. Os resultados apontam que, no exercício da escrita de si, o sujeito se inscreve, e, numa prática de ascese, constrói discursivamente sua subjetividade.

Palavras-Chaves: Produção de Subjetividade. Cuidado de si. Escrita de si. Tecnologias do eu.

THE CARE OF THE SELF THE CONTINUING EDUCATION OF ENGLISH TEACHERS

Abstract: This article brings a part of a research that seeks to analyze discursive excerpts selected from the self writings of a student-teacher with a Specialization in Teaching and Learning the English Language, seeking linguistic processes in the material production of subjectivities. It examines statements whose meanings point more specifically, identification points and fragments of the uniqueness of the teacher, identifying how she takes care of herself and reflects on herself in the construction of her subjectivities. As part of Applied Linguistics, the theory and method that supports the analysis of data are articulate key elements of Foucault notions, namely: The care of the self, seeking their connection with one another and care of and the self writing. In the theoretical notions of these elements are

implied notions of others, such as speech, ethics, technology of the self, subject and truth. (Foucault, 1984, 1995, 2004c, 2006). In describing her formation history, the teacher reflects on herself, on her formation in a gesture of experience of self, pointing speeches "true" about what makes herself in the process of professional development. The results show that, in the exercise of self writing, the subject falls, and a practice of asceticism, discursively constructs her subjectivity

Keywords: Production of Subjectivity. Self care. Self Writing. Technology of the self

LA ARTE DEL CUIDADO DE SÍ LA EDUCACIÓN CONTINUA DE PROFESORES DE INGLÉS

Resumen: En este artículo se presenta un recorte de una investigación que busca analizar fragmentos discursivos seleccionados de los escritos de una estudiante-profesor de un curso de especialización en Enseñanza y Aprendizaje de Idioma Inglés. Se buscó en los mecanismos lingüísticos procesos de producción de la subjetividad. En él se examinan las declaraciones cuyo significado apuntar más específicamente, puntos de identificación y fragmentos de la singularidad de la maestra, la identificación de cómo se cuida a sí misma y reflexiona sobre sí mismo en la construcción de sus subjetividades. Como parte de Lingüística Aplicada, la estructura de la teoría y el método que se apoya el análisis de los datos que están articulados los elementos clave de las nociones foucaultianas, a saber: el cuidado de sí, la búsqueda de su conexión entre sí y el cuidado de los otros e la escritura de sí. En las nociones teóricas de estos elementos están implícitos los conceptos de otros, tales como el discurso, la ética, la tecnología del yo, sujeto y verdad. (Foucault, 1984, 1995, 2004c, 2006) En la descripción de la historia de la formación, el profesor reflexiona sobre sí misma, en su formación, en un gesto de la experiencia misma, señalando discursos "true" en lo que hace a sí mismo en el proceso de desarrollo profesional. Los resultados muestran que, en el ejercicio de la escritura de sí, el sujeto se cae, y una práctica de la ascesis, construyen discursivamente sus subjetividades.

Palabras clave: Producción de Subjetividad. El auto-cuidado. La escritura de sí. Tecnología del yo.

1 PALAVRAS INICIAIS

A articulação da LA com estudos das áreas como a das Ciências Humanas e Sociais e a dos estudos foucaultianos tem nos permitido pensar nossas investigações de forma transgressiva. De acordo com Celani (1992, p. 22), a Linguística Aplicada (LA) é uma área “versátil por natureza”. Nessa compreensão, afirmo que é essa perspectiva de produção de conhecimento da LA à qual se filia este artigo, que objetiva analisar as produções de

subjetividades de uma professora de Língua Inglesa. Sob essa ótica, inúmeras são as possibilidades de investigação que os ditos e escritos de Foucault provocam, mas, para estudá-los, é necessário fazer escolhas e demarcações. Com esse entendimento, apresento como elemento principal para esta pesquisa o cuidado de si, buscando sua conexão com um cuidado do outro e com a escrita de si. Na noção teórica desse elemento, estão implicadas noções outras, tais como: tecnologia do eu, sujeito e verdade.

Este presente artigo¹ constitui-se recorte de uma pesquisa, cujo objetivo foi analisar as produções de subjetividades de treze docentes de um curso de formação continuada, a partir das escritas de si. Os alunos-professores que foram selecionados para a construção dos dados estavam inseridos em um processo de formação continuada, em nível de especialização em Língua Inglesa que teve início em agosto de 2007 e término em novembro de 2008. Eles lecionavam no ensino fundamental ou médio em escolas da rede pública estadual e/ou municipal e da rede particular de ensino de suas referidas cidades. Além disso, ainda foi definido como campo investigativo: uma instituição pública de ensino superior, sendo o curso de pós-graduação (*latu sensu*), cuja linha de pesquisa é ensino e aprendizagem de Língua Inglesa. A turma era constituída de vinte dois alunos, mas apenas treze participaram efetivamente dessa pesquisa.

Na primeira fase desta pesquisa, fase exploratória, utilizo técnicas como a de “conversas informais” com os alunos. O objetivo desses contatos iniciais era o de conhecer as concepções teórico-metodológicas que permeavam seus fazeres e saberes, o que me ajudou a definir as questões norteadoras do roteiro individual para as escritas de si acerca de dados pessoais e profissionais. Esses encontros foram, portanto, fundamentais para a investigação, porque neles pude perceber a abertura dos sujeitos para a pesquisa e a relevância desta para a construção do conhecimento em uma área pouco explorada, o que me estimulou ainda mais a enveredar na empreitada de focalizar a produção da subjetividade de professores ao se posicionarem como professores de Língua Inglesa.

¹ Esse artigo traz um recorte da tese de doutorado intitulada: FOUCAULT E ARTE DO CUIDADO DE SI: uma nova possibilidade de discussão para a formação continuada de professores de Língua Inglesa, e apresentada ao Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio grande do Norte (UFRN).

À medida que as conversas aconteciam, permitindo a troca de experiências e de ideias entre a pesquisadora e os professores, os procedimentos investigativos iam sendo delineados, como recorrer aos dizeres dos professores atuantes, por meio de entrevistas individuais.

Neste presente artigo, apenas uma parte desses dados será apresentada, isto é, dentre os treze participantes, tratar-se-á, aqui, apenas do depoimento de uma das participantes, Loe, a qual lecionava inglês no ensino fundamental em escolas da rede pública estadual e em escolas de idiomas. A escolha foi feita observando os depoimentos e sendo ela a única professora, entre os outros docentes entrevistados, a declarar que não procurou o curso de especialização apenas na tentativa de uma melhoria profissional ou mesmo para suprir uma necessidade de conhecimentos. Nesse sentido, vemos uma primeira sequência discursiva da docente: “Quanto às minhas perspectivas acerca do Curso de Formação Continuada (FC), ratifico que não pensava em formação, crescimento, trocas de experiências, aumento no salário, dar aula em faculdades e tal [...]”.

De fato, os efeitos de sentido que perpassam os enunciados de Loe demonstram um movimento do exercício de si sobre si mesma, através do qual se elabora um modo de ser. Sob essa ótica, Foucault (2006) assegura que a compreensão de nós mesmos como pessoas capazes de efetuar escolhas livres e autônomas pode ser uma construção que nos permite ser governados. Além disso, ideia de autonomia em Foucault (1994) não é um princípio que se valida por si mesmo, mas por ações libertárias, independentes da situação em que se encontra.

No intuito de trabalhar com as escritas de si como ferramenta na constituição dos dados, encontrei em Foucault (1992b), que a escrita de si pode ser vista como um dos modos de subjetivação possível, uma forma de reflexão que estabelece uma relação de forças consigo mesmo, ou seja, uma forma de mostrar-se, transformar-se. Por isso, a construção metodológica deste estudo foi orientada por relatos escritos sobre a história da formação profissional de uma docente e nos mecanismos linguístico-discursivos dessa escrita, por meio disso, passou-se a reconhecer processos de subjetivação e a forma como o eu é construído a

partir do cuidado de si ao utilizar as tecnologias do eu. Para tanto, organizei um roteiro² de identificação com alguns itens a serem respondidos. A seguir, a apresentação que Loe faz de si mesma ao responder umas das questões do roteiro:

Quando terminei o Ensino Médio e me inscrevi para o vestibular optei por 3 cursos diferentes: Relações Públicas (UFG), Secretariado Executivo Bilíngue (UCG) e Letras (UEG). Passei apenas na primeira fase da UFG, fiquei entre os primeiros na UCG, porém, entre fazer uma faculdade paga e uma não paga, fiquei na UEG. Vale ressaltar que quando me inscrevi para Letras, não o fiz por causa do Inglês, embora eu já fizesse curso no CCAA. Fiz Vestibular para Letras unicamente por causa do Português porque sempre gostei de gramática e tinha um enorme interesse em falar e escrever bem, digamos assim. Aliás, também não pensava em me tornar professora de Português! Enfim, daí no final do primeiro ano do curso (2003) tive que apresentar uma aula para o prof. Francisco Edilson como forma de avaliação da disciplina que o mesmo ministrava, e no ano seguinte quando ele aceitou a coordenação de Centro de Idiomas – UEG, deixei o currículo lá e fui convidada. Costumo dizer que a partir daquele momento me descobri professora de inglês e não sei fazer outra coisa na vida!

Foucault (1992b) aponta que por meio da escrita mostramos quem somos, ou melhor, quem pensamos que somos. Decidi, por isso, aproveitar o roteiro para dar uma maior abertura para que os participantes falassem “livremente” sobre os temas propostos e sobre eles mesmos, o que parece ter rendido depoimentos mais espontâneos.

A presente pesquisa localiza-se no campo da Linguística Aplicada, adota a concepção de linguagem como prática social. Ela se insere na tradição da pesquisa qualitativa, pelo seu caráter investigativo e exploratório. Para a análise dos dados constituídos a partir das escritas de si, respaldei-me na abordagem de pesquisa qualitativa, de natureza interpretativista, pela possibilidade de os múltiplos significados advindos dos dados, constituídos em situações concretas, serem passíveis de interpretação, uma vez que tal perspectiva volta-se para o

² 1. Objetivo do encontro; 2. Temática geral da pesquisa; 3. Formação acadêmica; 4. Como se tornou professor (a) de língua inglesa; 5. Como surgiu a ideia de ingressar neste curso de especialização; 6. Os interesses e desejos que poderiam expressar as suas necessidades formativas que você estava buscando ao ingressar no Curso de Graduação (Letras) e Pós, ou seja, sua Formação Inicial (FI) e Continuada (FC) a respeito de ser um professor de língua inglesa, com os olhos voltados para as exigências (de um professor) do presente; 7. As necessidades formativas foram alcançadas neste curso de formação continuada? Se não, em sua opinião, o que faltou?; 8. A significância de ser professor de LE e por que escolheu ser professor de língua inglesa.

aspecto singular, não mensurável. Nesse sentido, ao privilegiar essa perspectiva, surgem os seguintes questionamentos: Em que medida a aluna-professora do curso de formação continuada é capaz de tornar a si própria, ao fazer uso das tecnologias do eu, como sujeito de suas práticas, recusando ou resistindo a certos modos de subjetivação? Como as necessidades formativas são apontadas no seu discurso na prática do cuidado de si na tentativa de se tornar agente de mudança do seu desenvolvimento profissional?

Nos itens a seguir tenho como objetivo principal apresentar o aporte teórico que sustenta esta pesquisa, constituído principalmente pelas ferramentas teóricas analíticas apresentadas pelos estudos de Michel Foucault, em particular em seus últimos escritos, que alguns denominam “o último Foucault”. Assim, situada nessa perspectiva pós-estruturalista de pensamento, a parte teórica deste artigo foi organizada pelos seguintes itens: formação continuada de professores de língua inglesa, a escrita de si, o cuidado de si, tecnologias do eu e subjetividade e verdade. Tomo esses conceitos operadores sobre o cuidado de si, subjetividade e verdade e as tecnologias de eu, e trago-os para o território das escritas de si, tomando-a como um dispositivo, problematizando e analisando como os professores no processo de formação continuada, provocados/implicados por um outro, colocam-se em um processo de experimentação de si, na escrita de si, concebida como práticas discursivas.

2 FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA

A formação de professores é um tema muito amplo podendo ser abordado de diferentes aspectos. Optou-se, contudo, por discutir a formação continuada (doravante FC) de professores de Língua Inglesa, nomeadamente como formação continuada a partir dos anos 1990, sendo considerada recente sua história no Brasil. Na verdade, o que é recente é a nomenclatura FC, uma vez que antes da década de 1990 foi marcada por diferentes nomenclaturas, tais como: “capacitação e serviço” LDB 939 (BRASIL, 1996), “atualização” e “aperfeiçoamento” (BRASIL, 1996), “reflexão sobre a prática” (BRASIL, 1999) e, mais recentemente, a “formação permanente” (BRASIL, 2005). O que de fato aconteceu, na década de 1990, em relação às mudanças concernentes à formação continuada é que as políticas educacionais, preocupadas com a qualidade dos cursos e do professor, ou seja, preocupadas

com o cuidado do outro, perceberam a necessidade de entrar em outros jogos de verdades sobre a concepção de formação continuada de professores.

No período anterior à década de 1990, o curso de Formação Continuada, com ênfase na racionalidade técnica, era preparado pelo MEC e pelas Secretarias da Educação. Além disso, o curso era oferecido em certo período do ano, geralmente concentrado durante o período de férias. Quanto à teoria e à metodologia, a proposta era de que pudessem ser utilizadas na prática, isto é, a teoria como guia para a ação docente (OLIVEIRA, 2008).

A formação continuada, porém, fazia parte desses jogos de verdades, nos quais o sujeito-professor precisava “reciclar”, atualizar seus “conhecimentos”. Era, portanto, esse o pensamento das políticas públicas em relação à constituição do professor em seu desenvolvimento profissional. A ideia era mesmo de “reciclagem”, “capacitação” e não propriamente formação (HYPÓLLITTO, 2000).

No que diz respeito à legalização da terminologia “Formação Continuada”, foi concretizada com sua publicação da última Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), n. 9394/96 (BRASIL, 1996) e sua institucionalização deu-se com a constituição da Rede Nacional de Formação Continuada (BRASIL, 2005), objetivando certificar em nível médio os professores que atuam na rede pública de ensino nos níveis da educação infantil e do ensino fundamental e, em nível superior, os docentes atuantes nos demais níveis da educação básica.

A esse respeito, Almeida Filho (1997) confirma que os trabalhos de formação continuada do professor de língua inglesa, anteriores à década de 1990, eram também realizados em forma de treinamento, cuja denominação tem origem no inglês teacher training course e o mais recente procede também do inglês teacher development course. Assim, essa formação tinha o intuito de formar professores em serviço vistos como “pré-teorizados ou teoricamente debilitados pelo tempo sem volta ao estudo” (ALMEIDA FILHO, 1997, p. 4). Entretanto, para ele, essa modalidade “continuou insuficiente”, pelo fato de o professor não saber explicar teoricamente sua ação em sala de aula.

Nessa perspectiva, Nunan (1989, 1991, 1993), Allwright (1991, 1993), Wallace (1991) e Woods (2003) apresentaram propostas para formação de professores que avançaram em relação às vigentes da época, as quais consistiam em propostas de reflexões baseadas na auto-observação, automonitoração, com o intuito de o “professor tomar-se a si mesmo nas mãos para compreender-se e automatizar-se” (ALMEIDA FILHO, 1997, p. 4). No Brasil, a preocupação com a formação do professor intensificou-se também no início dos anos 1990.

Nesse período, a formação passou a ser pensada como um ensino reflexivo, oferecendo aos professores em formação instrumentos de auto-observação que levassem o docente a pensar sua prática. Por conseguinte, foram oferecidos manuais de orientações com algumas dicas, quais sejam: incitar o professor a sua reflexão pessoal. Essa técnica, segundo os autores, ajudaria ao professor a detectar problemas e questionamentos que seriam adotados como questões para reflexão. Em 1995, em alguns seminários, conferências e até mesmo em cursos voltados para a formação de professores adotaram a metáfora de “o professor no espelho” (MENEZES DE SOUZA, 1995; ALMEIDA FILHO, 1995), para chamar atenção da necessidade da auto-observação do professor de língua.

Desse modo, antes de continuar falando em formação continuada de professores de Língua Inglesa, talvez seja necessário perguntar: Afinal, o que pode proporcionar aos professores uma formação continuada? A esse respeito, encontraram-se ditos que condensam o sentido mais geral de formação continuada, os quais circulam entre os estudiosos da área. Rodrigues e Esteves (1993, p. 98), por exemplo, acreditam que a formação continuada proporciona aos professores serem

conhecedores da realidade da escola, capazes de trabalhar em equipe e de proporcionar meios para a troca de experiências, dotados de atitudes próprias de profissionais cujo trabalho implica a relação com o outro [...].

Por sua vez, estar inserido em um curso de formação continuada, para Perrenoud (2000, p. 158), significa

Saber explicitar as próprias práticas: estabelecer seu próprio balanço de competências e seu programa pessoal de formação continuada;

negociar um projeto de formação comum com os colegas; envolver-se em tarefas em escala de uma ordem de ensino ou do sistema educativo; e acolher a formação dos colegas e participar dela.

Nesse sentido, Nóvoa (1992, p. 27) acrescenta que

importa valorizar paradigmas de formação que promovam a preparação de professores reflexivos, que assumam a responsabilidade do seu próprio desenvolvimento profissional e que participem como protagonistas na implementação das políticas educativas

Além disso, mostra que “Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e projetos próprios com vista à construção de uma identidade” (NÓVOA, 1992, p. 25). Para Celani e Collins (2003, p. 26),

[...] é necessário que programas em formação contínua criem espaços que possibilitem a professores refletir sobre a heterogeneidade de sentidos que compõem as representações, os valores, as intenções em agir e a própria ação.

Já na concepção de Moita Lopes (1996, p. 179), os professores de Língua Estrangeira (LE) no Brasil recebem uma formação teórica ainda dogmática, dessa forma, “são treinados a partir de certos modismos sobre como ensinar línguas”.

Vista como um conjunto de práticas discursivas, a formação do professor tende a se estruturar nas instituições sob a forma de esquemas de comportamento, às vezes dirigida apenas ao conhecimento de teorias, de métodos e de práticas pedagógicas, ou seja, atividades técnicas, métodos de transmissão de conhecimentos, que ao mesmo tempo impõem e mantêm tais práticas discursivas. Neste estudo, tomei a formação do professor como um processo que constrói e transforma subjetividades, pois tentar compreender o eu implica compreender subjetividades. Para Foucault (2006), o movimento subjetivo é o modo pelo qual o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade em relação consigo mesmo.

3 ESCRITA DE SI

Foucault, em seu ensaio crítico *A escrita de si* (1992b), mostra um cenário dos significados assumidos pelos autorrelatos em dois contextos que, segundo ele, influenciaram os costumes e os modos de vida ocidentais. Para tanto, Foucault (1992b) faz uma análise de textos da antiguidade grega, indicando que, primeiramente, é preciso redesenhar o contexto em que a escrita de si aparece. Por essa razão, seu estudo teve como base as obras: *A vita Antonii*, de Santo Atanásio; *Diálogos de Epicteto*; e *Cartas a Lucílio*, de Sêneca. Desse modo, o texto foucaultiano tem como ponto inicial o papel da escrita na vida ascética, conhecida também como “escrita espiritual”, prática utilizada por Santo Antonio como forma de externar ou de apresentar a si mesmo.

Além disso, nesse estudo, o filósofo francês apresenta uma análise de três formas de autorrelatos encontrados em documentos da literatura cristã e em registros da antiguidade grega, apreendendo, principalmente, as funções exercidas por esses textos para seus autores. A escrita de si é vista como um treino de si, por isso, essa escrita, estudada na antiguidade, tem uma expressão – que se encontra em Plutarco –, uma função etopoiética: considerada um operador da transformação da verdade em ethos. A escrita etopoiética foi, por sua vez, observada por Foucault (1992b) ao investigar outras duas formas que a escrita sobre si assume na cultura greco-romana, conforme era praticada na Grécia, aproximadamente dois séculos antes, a saber: a correspondência e a hypomnemata.

A correspondência, para Foucault, após analisar as cartas de Sêneca a Lucílio, além de servir de exercício pessoal, dava aos correspondentes a impressão de proximidade física e que reproduzia, de certa maneira, a sensação de “um contato face-a-face” (FOUCAULT, 1992b, p. 156). Seria, portanto, um exercício do eu que atua tanto sobre quem a recebe quanto sobre quem a envia. Foucault (1992b) descobre, estudando os gregos clássicos, que o ato de escrever é o ato de se meditar, de fazer-se ver, de fazer-se aparecer para os outros e para si mesmo, isto é, essa escrita, de caráter constituidor, suscita um próprio retorno de si mesmo.

Em suma, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário, “e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que é dito sobre si mesmo”, isto é, “A

carta também trabalha para a subjetivação do discurso verdadeiro, constituindo ao mesmo tempo uma objetivação da alma” (FOUCAULT, 2006, p. 156).

A escrita de si foi, para os filósofos gregos, uma das atividades que contribuíram para o “autoadestramento”, uma prática essencial no aprendizado da arte de viver. E, para tanto, os gregos utilizavam-se, ainda, de outra forma de escrita de si: os hypomnemata. Foucault (1992) – ao estudar os textos escritos por Sêneca, Lucílio, Epicuro entre outros filósofos gregos – discute técnicas e exercícios relacionados com o pensamento de si com o uso dos exercícios da leitura, bem como da escrita de si.

Contudo, ele nos ensina que “podiam ser livros de contabilidade, registros notariais, cadernos pessoais que serviam de agenda” (FOUCAULT, 1992b, p. 147). Os hypomnemata, então, seriam as anotações de pensamentos como um registro, ou seja, constituíam-se em material de memória de relatos lidos ou ouvidos e de observações que poderiam auxiliar em questões humanas, quando necessário. Consistiam, portanto, em cadernos, cujas anotações estariam sempre sendo consultadas para que pudessem ser utilizadas para a ação. Em outras palavras, os hypomnemata eram considerados um guia de conduta. No dizer do autor:

Há que re-situar os hypomnemata no contexto de uma tensão muito sensível naquela época: no interior de uma cultura muito fortemente marcada pela tradição, pelo valor reconhecido ao já dito, pela recorrência do discurso, pela prática “citacional” com a chancela da Antiguidade e da autoridade, desenvolvia-se uma ética muito explicitamente orientada pelo cuidado de si para objetivos definidos como: [...] tirar proveito e desfrutar de si próprio (FOUCAULT, 1992b, p. 137-138).

Para Foucault (1992), as pessoas que tinham mais acesso ao conhecimento deparavam-se com um “excesso de informações” provocado pela leitura. Esse excesso gerava dispersão e preocupação com o futuro, problemas que esses indivíduos procuravam solucionar por meio da escrita dos hypomnemata, o que acabava sendo um antídoto eficiente, já que no ato de escrever cada sujeito realizava sua seleção do que havia lido, visto ou escutado.

Assim, esse aprendizado sobre o ato de escrever – advindo dos gregos e apresentado por Foucault – ajudou-me a pensar sobre outra possibilidade de constituição do sujeito pela

escrita, no caso, nesta investigação, a do professor de língua inglesa. Então, surge a questão: Como o professor, no exercício na escrita, constitui-se como sujeito professor de Língua Inglesa em práticas discursivas construídas a partir de um contexto de formação continuada?

Para responder à questão, mostrar-se-á como a professora subjetiva-se, via escrita de si, na prática do cuidado de si em direção a um caminho de autoconhecimento e mudanças no seu desenvolvimento profissional, já que a escrita de si é uma das tecnologias pelas quais o indivíduo elabora-se e constitui a própria subjetividade nos padrões de uma atividade que é fundamentalmente ética, experimentada como prática da liberdade.

4 CUIDADO DE SI

Na tentativa de situar a noção do cuidado de si foucaultiana, volto minha atenção ao volumoso curso de 1982 – A Hermenêutica do Sujeito. Assim, descreve-se brevemente um fragmento que marca o surgimento dessa reflexão filosófica do cuidado de si, a qual se encontra nessa obra, ou melhor, nas transcrições de suas aulas, do início ao fim, uma análise da cultura de si. Foucault (2004c) ensina-nos, nas páginas iniciais do livro A Hermenêutica do Sujeito, que é a partir da prática do cuidado de si que se tem o conhecimento de si mesmo.

E, ainda, é nesse curso, por meio da releitura dos gregos clássicos da antiguidade, que Foucault traz à tona discussões, de forma mais profunda, sobre os temas: a escrita de si, a arte da existência, a arte do cuidado de si e a relação deste com os outros. No primeiro momento desse curso, o professor Foucault trata de analisar as “técnicas de si”, cujo intuito refere-se ao “cuidar de si” e de “conhecer a si mesmo” com o objetivo de governar a cidade: cuidar de si para cuidar dos outros; e a “Governamentalidade” como meta de Alcibíades nos diálogos com Sócrates, práticas destinadas à aristocracia. Desse modo,

“[...] é preciso ‘ter cuidados consigo’; é esse princípio do cuidado de si que fundamenta a sua necessidade, comanda o seu desenvolvimento e organiza a sua prática” (FOUCAULT, 2006, p. 49).

No dizer de Fonseca (2011, p. 15), o que Foucault faz ao pronunciar o conteúdo de aulas do curso de 1982 é “reatualizar outros tantos ditos e escritos”. Entretanto, é possível

observar que Foucault desenvolve toda uma problemática em torno da ética do cuidado de si presente nas culturas gregas e romanas, elucidando essa problemática por meio das obras de pensadores importantes como Sócrates, Platão, Marco Aurélio e Sêneca, por exemplo.

Então, a partir das leituras foucaultianas (2004c, 2006), é possível constatar que a relação entre o cuidado de si e a experimentação de si ocorre de modo diferenciado em três períodos: 1) o socrático, em que Sócrates introduz a noção cuidado de si, incitando as pessoas a tomarem consciência da ignorância que tinham sobre os valores que regiam suas vidas; 2) o platônico, no qual Platão mostra que as noções de cuidado de si e de conhecimento de si são a mesma coisa; conhecer a si mesmo é promover um melhoramento de si, de forma que os dois princípios estão intimamente articulados. É, pois, em Platão que Foucault inicia a análise do cuidado de si e do princípio do “conhece-te a ti mesmo”; 3) o período dos séculos I e II da era cristã, em que o cuidado transforma-se em prática cotidiana; e os séculos IV e V de nossa era, nos quais a ascese cristã ganha força.

Segundo Fonseca (2011), além dos três períodos da história do cuidado de si mencionado na primeira aula de Foucault (06 de janeiro de 1982), o pensador francês também menciona a importância do “momento cartesiano” “na desqualificação do cuidado de si e na requalificação do conhecimento de si”. Porém, afirma que todos os momentos históricos do cuidado de si não serão abordados na mesma proporção. Desse modo, Foucault, durante todo o seu curso *A Hermenêutica do Sujeito*, faz breves referências ao cristianismo e praticamente não as desenvolve, bem como em relação ao momento cartesiano, limitado apenas a breves passagens.

Entretanto, o período consagrado por esse filósofo sobre o cuidado de si foi, de fato, do estoicismo ao epicurismo. Nessa perspectiva, as escolhas foucaultianas do momento não consistem em apenas descrições históricas, mas em uma tarefa genealógica. Assim, inicia-se, nos estudos foucaultianos, uma nova forma de se ver o sujeito, uma nova forma de se pensar a verdade, ou seja, “novas formas de subjetividades” (GROSS, 2004, p. 38).

A noção do cuidado de si é, por conseguinte, o fio condutor desta pesquisa, acreditando ser esse o meio utilizado para fazer a história da subjetividade. Foi a partir dessa

perspectiva que foram tomadas como base as formulações foucaultianas sobre a noção do cuidado de si, no intuito de investigar as produções de subjetividades dos professores de língua inglesa. Pois, segundo Albuquerque JR. (1988), Foucault:

Sugere uma vida de autoria de si mesmo, que é, ao mesmo tempo, uma forma de resistência às tecnologias modernas de produção da subjetividade do indivíduo, e uma arte da conduta centrada na coincidência daquilo que o indivíduo faz com aquilo que diz: procura não só dizer verdadeiro, mas ser verdadeiro enquanto sujeito de um saber e um poder sobre si próprio (ALBUQUERQUE JR, 1988, p. 72-73).

Desse modo, coloco sob discussão a perspectiva do cuidado de si, que tem por objetivo evidenciar as estratégias de problematização da ética, enquanto instância que oportuniza a relação e o desenvolvimento do sujeito consigo mesmo e com os outros, ao analisar as escritas de si dos docentes.

Ao analisar-se a obra de Foucault (2006) sobre as técnicas de si na antiguidade grega, encontram-se nessas formas de subjetividades possibilidades para pensar e conceber outros modos de subjetivação, talvez diferentes das constituídas na contemporaneidade.

5 TECNOLOGIAS DO EU – PRÁTICAS DE CUIDADO DE SI

Conforme Foucault (2003), existem quatro modalidades de tecnologias, cada uma delas apresentando uma raiz de ordem prática, as quais aparecem sempre mescladas entre si e não de forma isolada, e compõem a nossa subjetividade, quais sejam: 1) Tecnologias de produção: que permitem transformar, produzir ou manipular coisas; 2) Tecnologias de sistemas de sinais: utilizam signos, sentidos, símbolos e significações; 3) Tecnologias de poder: determinam a conduta dos indivíduos, submetendo-os a certo tipo de fins e consistem em uma objetivação do sujeito; 4) Tecnologias de si ou tecnologias do eu: por meio das quais o indivíduo, por si mesmo ou com a ajuda dos outros, realiza, em certa medida, um número de operações sobre seu corpo e sua alma, pensamento e condutas, obtendo, assim, uma autotransformação, que teria como principal objetivo alcançar certo estado de felicidade, sabedoria ou pureza.

Essas tecnologias produzem efeitos e sempre funcionam em conjunto, cada uma delas, com suas aprendizagens específicas, produzem saberes (FOUCAULT, 1990). Na complementação para as análises desta pesquisa, elegi as tecnologias do eu, por elas constituírem, na perspectiva foucaultiana, práticas “nas quais se constrói e modifica a experiência que os indivíduos têm de si mesmos” (LARROSA, 2002, p. 37). Na cultura greco-romana, a preocupação consigo mesmo, o cuidado de si como uma tecnologia do eu, “constituía-se em uma das regras mais significativas para a conduta pessoal e social na arte de si, convertia-se no objeto e busca de cuidado de si” (FOUCAULT, 1990, p. 59). Já na tradição cristã, acontece uma inversão e o conhecimento de si passa a ofuscar o cuidado de si: é preciso conhecer-se para renunciar a si.

Além disso, os estudos de Foucault (2006) sobre o desenvolvimento das tecnologias do eu na filosofia antiga e no cristianismo mostram que, em ambos os contextos, “cuidar de si” não guarda relações com o estar interessado em si mesmo, ter fascínio por si, mas é uma estratégia que requer uma atitude de trabalhar ou de estar preocupado consigo, atitude que implica saber, técnica e atenção sobre si enquanto prática constante. No entanto, as tradições cristãs e greco-romanas possuíam distintas formas de cuidado, logo, também tornavam possíveis distintas formas de se pensar o “eu”.

A partir de Foucault (1994, p. 18), é possível definir as tecnologias do eu como: “[...] operações em seus próprios corpos e almas, pensamentos, conduta e maneira de ser que as pessoas fazem ou por conta própria ou com a ajuda de outros para transformarem-se a fim de atingir um estado de felicidade, pureza, sabedoria, perfeição ou imortalidade”.

Então, observo que, de acordo com Foucault (1994), é nessa transformação da relação consigo que as tecnologias do eu são praticadas como exercícios, técnicas, procedimentos que visam a uma transformação de si mesmo. Em virtude disso, essas tecnologias também são vistas como um conjunto de intervenções narrativas que são vivenciadas e constituídas na experiência social dos sujeitos. Como se percebe, a subjetividade é o modo pelo qual o sujeito faz a experiência de si em um jogo de verdade em relação consigo mesmo. Larrosa (2002, p. 37) indica que há um enlace entre a subjetividade e a experiência de si mesmo, ou seja, “[...] O

sujeito, sua história e sua constituição como objeto para si mesmo, seriam então inseparáveis das tecnologias do eu”.

As tecnologias do eu, por sua vez, são mecanismos práticos que podem modificar uma experiência subjetiva de si mesmo, a partir de práticas sociais que produzem autorreflexão, no intuito de se constituir um sujeito moral. Foucault, por sua vez, não nos oferece uma teoria dos modos de realização dessas técnicas de si, mas, nesta investigação, tomo a experiência de si apresentada por Foucault (2006) para pensar o trabalho de formação continuada de professores, uma vez que a experiência da formação está alicerçada nos discursos "verdadeiros" que os sujeitos descrevem, narram, julgam, interpretam para si mesmos; entendendo a experiência como a relação existente em uma cultura entre diferentes campos do saber, regras de conduta e formas de subjetivação.

6 SUBJETIVIDADE E VERDADE

A concepção que Foucault (2006) tem de verdade é que não há “a verdade”, mas “jogos de verdade”, que ele compreende como um conjunto de regras de produção de verdade e essas regras, por sua vez, estão sujeitas às intervenções histórico-sociais; logo, mudando as epistemes do momento histórico, mudam-se as verdades. Em outras palavras, segundo Revel (2005, p. 87), “jogos de verdade”, para Foucault, “não [é] a descoberta do que é verdadeiro, mas das regras segundo as quais aquilo que um sujeito diz a respeito de certo objeto decorre da questão do verdadeiro e do falso”. O que implica dizer que, para o filósofo francês, os jogos de verdade são “as relações por meio das quais o ser humano se constitui historicamente como experiência – que permitem o homem pensar-se [...]” (REVEL, 2005, p. 87).

Arrisco afirmar que os jogos de verdade são um conjunto de regras de produção de verdade, bem como um conjunto de procedimentos que conduzem a um determinado resultado, que pode ser considerado – em função de seus princípios e de suas normas de procedimento – como válido ou não. Pode ser também lugar de enfrentamento social e de debate político, encarado sob a forma de “lutas ideológicas”, cada lado defendendo seu ponto de vista sem se interrogarem. A esse respeito, Foucault questiona:

Através de quais jogos de verdade o homem se dá seu ser próprio a pensar quando se percebe como louco, quando se olha como doente, quando reflete sobre si como ser vivo, ser falante e ser trabalhador, quando ele se julga e se pune enquanto criminoso? Através de quais jogos de verdade o ser humano se reconheceu como homem de desejo? (FOUCAULT, 1984, p.13-14).

Essa retrospectiva inscreve-se no projeto amplo foucaultiano de uma história da verdade. A relação entre subjetividade e verdade, por sua vez, evidencia-se ainda mais em sua investigação quando, no curso *Hermenêutica do Sujeito* (FOUCAULT, 2006), é desdobrada a diferença entre filosofia e espiritualidade nas articulações entre cuidado de si e conhecimento de si, conhecimentos úteis e inúteis, cuidado de si e conversão a si, ascese e verdade.

A partir desse curso, é possível, então, compreender que o exercício do cuidado de si é uma forma de síntese, um ponto de conexão entre a história da subjetividade e as formas de governabilidade. Desse modo, o fio condutor da articulação entre subjetividade e verdade é o cuidado de si.

Nessa perspectiva, foram selecionados, nas escritas da professora Loe, alguns dos mecanismos discursivos que poderão possibilitar a compreensão de como se deu a constituição do professor de Língua Inglesa a partir de suas necessidades performativas. Busco, com isso, analisar, no funcionamento discursivo (ORLANDI, 1996), algumas das tecnologias que contribuíram para o cuidado de si. Os trechos das escritas de si organizam-se por meio de uma categoria de análise, cujo foco está em uma diversidade de enunciados das produções de subjetividades da informante desta pesquisa.

7 “O cuidado de si é a chave de tudo” para uma experiência de si mesmo

No trecho da escrita abaixo, de Loe, é possível observar efeitos de sentido que traduzem uma prática educativa, a qual instaura o cuidado de si como experiência de si, ao responsabilizar a si mesma pela liberdade de escolha profissional:

Confesso que só me matriculei nesta especialização porque era extremamente cômodo para mim: eu morava praticamente dentro da

faculdade e o preço era acessível, além de conhecer grande parte dos professores.

Essa afirmação de Loe constitui uma experiência de si mesma. Logo, cuidar de si, ocupar-se de si, ocupar-se da alma, implica que o indivíduo tenha uma melhor compreensão da sua relação com os outros e com o mundo que o circunda. Em última instância, cuidar de si significa conhecer-se e é nesse caminho que está alicerçado o cuidado de si, mais que um conhecimento, “é um modo de existência, estilo de vida” (MUCHAIL, 2011, p. 127).

De qualquer forma, se existe algo que caracteriza a experiência é a mudança. Quando o(a) professor(a) em formação transforma-se a partir da experiência consigo mesmo(a), aí temos algo que é próprio, autônomo, crítico, liberto e produtor de subjetividades emancipadas. É assim que se analisa o posicionamento de Loe, um sujeito que tenta efetuar suas escolhas desprendidas de amarras.

Em relação à hermenêutica de si, persiste desde o início da cristandade, consistindo em uma busca de nos relacionar conosco por meio de uma verdade a ser desencavada a partir de nossa interioridade mais íntima. A esse respeito, Gros (2004, p. 385) levanta um questionamento da relação do sujeito com a verdade: “De que modo pode o sujeito agir como convém, ser como deve, na medida em que não apenas conhece a verdade, mas na medida em que ele a diz pratica e exerce?”.

Assim, retomo o dizer de Loe, observando que ela se põe à prova, examina suas verdades sobre o que é, o que faz consigo mesma e com os outros. Ela diz ainda que:

Para falar a verdade, sou muito cética quanto a esses cursos de FC. No geral, os professores das especializações cheios de teorias que saíram do ensino regular há quase 100 anos (desculpe-me pela hipérbole, mas é impossível evitar! é melhor ser franca) comentam coisas que se eles conhecessem a realidade das escolas e das famílias jamais falaria tantas asneiras.

Desse modo, depreende-se, no depoimento da professora Loe, um gesto parrhesiaste³, ao utilizar as expressões linguísticas: “Para falar a verdade”, “ser franca”, as quais traduzem um modo de dizer com Parrhesia, vista também como uma das técnicas de si antiga.

Essa técnica consiste em uma nova forma de dizer verdade, isto é, faz uso desses mecanismos discursivos para fugir das verdades ditas e legitimadas de subjetividades socialmente reconhecidas, pois o sujeito “escolhe primariamente um relacionamento específico consigo mesmo: ele prefere ser um contador-de-verdade ao invés de um ser vivo que é falso consigo mesmo” (FOUCAULT, 2001, p. 17). Por conseguinte, aqueles que falam a verdade são indivíduos livres, os quais entram em consenso e estão inseridos em uma determinada rede de práticas e de instituições coercitivas (FOUCAULT, 1999). Em linhas gerais, este é o sentido de Parrhesia: liberdade de palavra, franqueza, abertura do pensamento, o franco falar.

A constituição do sujeito, por sua vez, pode acontecer por diferentes práticas do eu como: conhecimento de si, cuidado de si e o ato de falar a verdade. Essas práticas estão diretamente envolvidas no processo de constituição de subjetividades. Entretanto, não se pretende interpretar os enunciados das práticas discursivas de Loe como um único sentido verdadeiro, mas sim como produções de saberes possíveis à constituição do professor de Língua Inglesa.

Dessa forma, as escritas em análise levaram a perceber discursos que traduzem que a prática/técnicas de si em jogos de verdades tanto podem ser no âmbito pessoal quanto no social, e envolvem uma conduta que assume “a forma de uma filtragem permanente das representações: examiná-las, controlá-las ‘distingui-las’ umas das outras e evitar assim que se aceite a ‘primeira que surge’” (FOUCAULT, 1999, p. 67-68).

³ Foucault desenvolveu o conceito de parresía como um modo de discurso em que se fala abertamente e honestamente sobre opiniões e ideias sem o uso da retórica, da manipulação ou da generalização, para ele “o parrhesiaste usa as mais diretas palavras e formas de expressão que ele pode descobrir” (FOUCAULT, 2001, p.12).

Acerca de si mesma, Loe acrescenta: “sei que a formação depende de mim, do meu esforço em buscar a excelência”. Percebo, assim, que a produção de sentido no enunciado dessa professora apresenta uma confiança em si na sua atuação docente. Quanto aos efeitos de sentido empreendidos nos mecanismos discursivos como “depende de mim” e “do meu esforço”, utilizados pela professora para se referir à formação dela, revelam um cuidado de si por meio das tecnologias de si, em outras palavras, uma maneira que o sujeito utiliza para conduzir-se a outro modo de vida ou a uma transformação.

Outra possibilidade para discutir os deslocamentos produzidos pela intervenção analisada seria que o discurso materializado nesse dizer de Loe traz à tona os discursos que circulam em torno de um aprendizado de língua, que são muito expressivos nas teorias que abordam questões sobre o aprendizado de uma língua estrangeira, no discurso do mercado de trabalho, da globalização, do neoliberalismo.

Creio ser possível afirmar ainda que esse acontecimento discursivo da professora Loe está, de certa forma, relacionado a uma cultura de ensinar e aprender línguas e crenças sobre ensino de línguas. Além disso, a exemplo do léxico “esforço”, presente na escrita acima, encontrei em alguns trabalhos de professores de Língua Inglesa semelhante afirmação, como, por exemplo, que “para aprender uma língua estrangeira é preciso bastante esforço dos alunos” (NETO, 2010, p. 85)

Igualmente em Vieira-Abrahão (2006), Almeida Filho (1993), Barcelos (1995, 2001), entre outros, podemos encontrar “ditos” que retomam a ideia de um aprendizado significativo de língua estrangeira a partir do empenho e da motivação do professor sobre seus alunos, como diz Barcelos (1999) que, para a maioria dos alunos, se o professor não for um grande incentivador do aprendizado deles em sala, o aprendizado de seus alunos pode não acontecer.

Os autores mencionados são lidos no componente curricular “Prática de Ensino” por alunos de graduação e pós-graduação de Letras da mesma instituição acadêmica de Loe. Observa-se, por essa razão, uma espécie de verdade ou jogos de verdades acerca do papel do professor nas escritas dos alunos professores, colaboradores deste estudo.

Com a compreensão de que o princípio da arte do cuidado de si está diretamente ligado à arte de cuidar dos outros, passo, a seguir, a analisar mais um trecho do depoimento de Loe: “Gosto de formar cidadãos e possibilitar melhoria de vida de outros também”. Esse acontecimento discursivo traz, mais uma vez, a evidência de que a relação da arte do cuidado de si constitui uma experiência que está vinculada à relação consigo mesmo e à relação com os outros.

Loe apresenta-se, portanto, como um sujeito que pode encontrar “soluções” em sua prática docente para melhorar a qualidade de ensino e aprendizagem e até de vida de seus alunos. Esses efeitos podem ser apreendidos a partir da utilização do léxico “melhoria” empregado pela professora.

A formulação de Loe produz ainda efeitos de sentidos indicando que o ensino e a aprendizagem da Língua Inglesa estão atrelados também ao mercado de trabalho, à ascensão social e financeira do aprendiz, um discurso que se insere no da globalização acerca da Língua Inglesa. A esse respeito, Rajagopalan (2003) argumenta que a aquisição de uma língua estrangeira representa para as pessoas uma das formas de “subir na vida”, principalmente quando se trata da Língua Inglesa, considerada como a de comunicação universal, ou seja, para muitos, “uma língua de prestígio”.

8 PALAVRAS FINAIS

As escritas da professora em análise deixam marcas de um sujeito que agencia mudanças do seu desenvolvimento profissional, no momento em que é capaz de refletir sobre si e sobre sua atuação pedagógica. Essa reflexão está amparada também por dizeres que circundam os contextos de formação de professores e demonstram uma vontade de saber, de controle, de verdade, de cuidado de si e do outro, e de autotransformação, ou ainda levantar algumas indagações como: Aprender sobre si mesmo, cuidar de si com base na filosofia da antiguidade poderia ser parte do currículo dos cursos de formações de professores atuais? Seria, nesse sentido, uma tentativa de ter uma filosofia que busca a sabedoria, uma maneira de ser de um sujeito ético e, principalmente, uma maneira de modificar o eu?

Nessa perspectiva, Foucault (2004c), com suas análises, adverte aos contemporâneos, de que é preciso levar em conta que apenas se emancipando, exercitando a si mesmo, o sujeito – no caso deste estudo, o professor – poderá estar apto para um processo de subjetivação que insista em que cada um eduque-se a si mesmo. Posso argumentar que o curso de formação continuada é um lugar que institui espaços de liberdade, em que os professores podem agir sobre si mesmos, reconhecendo-se de outros modos e autotransformando-se a partir de outros jogos de verdade na prática do cuidado de si, na tentativa de tornarem-se agentes de mudanças do seu desenvolvimento profissional atuando em espaços de liberdade.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR. D. M. “Os Maus Costumes” de Foucault. v. 6. Assis: Pós História, 1988. p. 72-73.

ALLWRIGHT, Dick. Understanding classroom language learning. CRILE Working Papers, 7: Lancaster University, 1991.

_____. Integrating ‘research’ and ‘pedagogy’: appropriate criteria and practical possibilities. IN: EDGE, J.; RICHARDS, K. (Eds.). Teachers develop teachers research. Oxford: Heinemann, 1993.

ALMEIDA FILHO, José. C. P. Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas. Campinas: Pontes, 1993.

_____. Conhecer e desenvolver a competência Profissional dos professores de LE”. In: Contexturas: Ensino Crítico de língua inglesa. São Paulo: APLIESP, n.9. p.9-19. 1995.

_____. Tendências na formação continuada do professor de língua estrangeira. n. 1. APLIEMGE – Ensino & Pesquisa, 1997. p. 29-41,

BARCELOS, A. M. F. A cultura de aprender língua estrangeira (inglês) de alunos de Letras. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 1995.

BARCELOS, A. M. F.. A cultura de aprender línguas (inglês) de alunos no curso de Letras. In: ALMEIDA FILHO, J. C. P. (Org.). O professor de língua estrangeira em formação. Campinas: Pontes, 1999. p. 157-177.

_____. Metodologia de pesquisa das crenças sobre aprendizagem de línguas: estado da arte. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 1, n. 1, p. 71-92, 2001.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei Federal 9394 de 20 de dezembro de 1996. Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.

_____. Ministério de Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. Referenciais para Formação de Professores. Brasília, 1999.

_____. Ministério da Educação, Secretaria da educação Básica. Orientações Gerais para Rede Nacional de Formação Continuada de Professores da Educação Básica. Brasília, 2005.

CELANI, M. A. A. Afinal, o que é Linguística Aplicada?. In: PASCHOAL, M. S. Z. de; CELANI, M. A. A. (Org.). Linguística Aplicada: da Aplicação da Linguística à Linguística Transdisciplinar. São Paulo: Educ. 1992. p.15-23.

_____; COLLINS, H. Formação Contínua de Professores em Contexto Presencial e a distância: respondendo aos desafios. In: BARBARA, L & RAMOS, R. C. (Orgs.). Reflexões e ações no ensino-aprendizagem de línguas. Campinas: Mercado de Letras. 2003. p. 69 -105.

FONSECA, A. M. "Editar" Foucault. São Paulo: Loyola, 2011. p. 9-21.

FOUCAULT, Michel. Histoire de la sexualité. II: L'usage des plaisirs. Paris: Gallimard, 1984.

_____. The use of pleasure: the history of sexuality. v. 2. New York: Vintage Books, 1990.

_____. Verdade e poder. In: _____. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

_____. A escrita de si. In: _____. O Que É um Autor? Lisboa: Passagem, 1992b. p. 129-160.

_____. Técnicas de si. In: _____. Dits et écrits. v. 4. Tradução de Karla Neves e Wanderson Flor do Nascimento. Paris: Gallimard, 1994.

FOUCAULT, Michel. Arqueologia do Saber. Rio de Janeiro: Editora Forense, 1995.

_____. Em defesa da sociedade. Curso no Collège de France, 1975-1976. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. Fear-less speech. Pearson, J. (Ed.). Los Angeles: Semiotext (E), 2001.

_____. Ditos & Escritos IV: estratégia, poder-saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. A hermenêutica do sujeito. São Paulo: Martins Fontes, 2004c.

_____. História da sexualidade III: o cuidado de si. Tradução de Maria Teresa da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

GROS, F. Foucault, a coragem da verdade. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2004.

HYPOLLITTO, D. Formação continuada: análise de termos. Integração, ano VI, nº 21, maio de 2000. p. 101-103.

LARROSA, J. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, T. T. (Org.). O Sujeito da Educação: estudos foucaultianos. Petrópolis (RJ): Vozes, 2002. p. 35-86.

MENEZES DE SOUZA, L. M. The Mirror and the Lamp: Some Light on Teacher Reflection. Mimeo (Conferência na XI JELI, Taubaté, SP), 1995.

MOITA LOPES, L. P. Oficina de linguística aplicada. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

MUCHAIL, S. T. Foucault, mestre do cuidado de si. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

NETO, J. E. P.; RODRIGUES, D. F.; SILVA, A. de S. C. Livro didático de língua Inglesa: abordagens teóricas sobre as crenças de aprendizagens. Revista de Educação, Linguagem e Literatura da UEG – Inhumas, v. 2, n. 2, outubro de 2010, p. 82-102.

NÓVOA, António (Org.). Os professores e a sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

NUNAN, David. (Ed.) Second language teacher education. New York: Cambridge UniverPress, 1991.

NUNAN, David. (Ed.) Designing tasks for the communicative classroom. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

_____. Communicative tasks and the language curriculum. In: Silberstein, S. (Ed.). State of the art TESOL essays. Alexandria VA: TESOL, 1993. p. 52–68.

OLIVEIRA. M. A. V. Formação continuada na escola pública e suas possíveis relações com organização do trabalho docente. Dissertação de mestrado, UFMG, 2008. 201f.

ORLANDI, E. P. A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso. 4. ed. Campinas: Pontes, 1996.

PERRENOUD, P. Dez novas competências para ensinar. Trad. Patrícia Chiltoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

RAJAGOPALAN, K. Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola, 2003.

REVEL, J. Foucault: conceitos essenciais. São Carlos: Claraluz, 2005.

RODRIGUES, A.; ESTEVES, M. A Análise de Necessidade na Formação de Professores. Portugal: Porto Editora, 1993.

WALLACE, Michel. J. Training foreign language teachers: a reflective approach. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

WOODS, Devon. The social construction of beliefs in the language classroom. In: KALAJA, P.; BARCELOS, Ana Maria F. (Orgs.). Beliefs about SLA: new research approaches. Dordrecht: Kluwer, 2003. p. 201-227.

VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. A formação inicial e o desenvolvimento profissional do professor de línguas estrangeiras: práticas e pesquisas. Brasília: UnB: Horizontes de Linguística Aplicada, 2006. p. 7-24.

Ivonete Bueno dos SANTOS

Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba, mestrado em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Doutorado em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística Aplicada, atuando principalmente nos seguintes temas: Língua Estrangeiras Modernas, Língua Portuguesa, Tradução em português (Brasil), Didática, Prática de ensino, Metodologia Científica e Formação de professores